

JOGOS INFANTIS COMO PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UM CONDOMÍNIO RESIDENCIAL NA CIDADE PELOTAS - RS

VANESSA FARIA DE OLIVEIRA¹; KARINE FONSECA SOUZA²; LICIANE OLIVEIRA DA ROSA³; TATIANA PORTO DE SOUZA⁴; LUCIARA BILHALVA CORRÊA⁵; ÉRICO KUNDE CORRÊA⁶;

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessafoliveira@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – karinesouza486@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – licianeoliveira2008@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – tatiportodesouza@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – luciarabc@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – ericokundecorrea@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico ocorre de forma mais rápida e intensa do que o social. Assim, países que se encontram em desenvolvimento possuem barreiras para a evolução de pensamentos que não envolvam o crescimento econômico e os vestígios da desigualdade social. Em contra ponto, nos encontramos a beira de um colapso sistêmico que explora de forma irresponsável os recursos naturais em prol de um desenvolvimento insustentável (MOSTOWFI; MAMAGHANI; KHORRAMAR, 2016).

Dessa forma, a educação ambiental surge a partir de uma necessidade de mudança da relação pessoa-ambiente, realçando que a natureza por si só precisa estar em equilíbrio e o ser humano como parte da natureza precisa encontrar o equilíbrio entre o meio ambiente, desenvolvimento econômico e justiça social. Tornando assim, a educação essencial para que cada indivíduo reconheça as interações das suas ações com o meio e sua responsabilidade social perante a coletividade e a proteção do ambiente (SARACHE; SARACHE, 2019 e HIGUCHI; AZEVEDO; ALVES, 2019).

Para a disseminação dessas informações é necessário que a educação ambiental seja trabalhada dentro de todos os âmbitos do currículo escolar, além do mais, é primordial que as instituições de ensino superior por meio de projetos de extensão dissemem dentro da comunidade externa. Assim, é possível transmutar esses valores através das crianças, pois estão na fase de aprendizado, possuem seus valores facilmente influenciados e serão futuros agentes precursores das decisões e mudanças mundiais (SOUZA; FRAGOSO; BREY, 2019 e

Contudo, é importante explorar diferentes estratégias de ensino com o propósito de contribuir para a construção de novos conhecimentos, logo, pode-se utilizar jogos com metodologias lúdicas e dinâmicas para facilitar a reflexão da própria postura e a postura do outro com relação ao meio ambiente (BALDIN, 2015 e HIGUCHI; AZEVEDO; ALVES, 2019).

Jogos lúdicos proporcionam desenvolvimento de habilidades e conhecimentos de forma prazerosa e significativa (SCOPEL; CAVALLI; SCUR, 2016). Portanto, o objetivo deste estudo é auxiliar na construção de conhecimentos sobre os impactos causados pela disposição inadequada dos resíduos sólidos através de um jogo lúdico em um condomínio residencial na cidade de Pelotas – RS.

2. METODOLOGIA

O jogo foi realizado em um condomínio residencial na cidade de Pelotas – RS. Os materiais utilizados foram resíduos, como plástico, papel, vidro, metal e orgânico, e caixas/lixeiras com a indicação para cada material. As lixeiras foram representadas por cores, sendo a cor amarela para metal, a verde para vidro, a marrom para orgânico, a azul para papel e a vermelho para plástico (Figura 1).

O procedimento do jogo consistiu em colocar as crianças sentadas de costas para as lixeiras e na frente delas foram colocados os resíduos. Antes de dar início ao jogo, foi realizada a contextualização da atividade, onde foram explicadas a importância da separação, redução, reutilização e reciclagem do lixo.

Após, as crianças individualmente foram convidadas a pegar um material e destiná-lo a lixeira que acreditavam ser a correta. Ao final do jogo foram relatadas as trocas de experiências.

Figura 1 – Lixeiras utilizadas no jogo.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram 21 crianças entre 3 e 12 anos sendo que duas delas possuíam necessidades especiais. A inclusão de indivíduos com quaisquer necessidades especiais é fundamental para a desconstrução de paradigmas históricos que apresentam esses indivíduos como menos capazes de realizar atividades e na construção da consciência de cidadania, direitos e deveres em prol da convivência coletiva (VOLZ et al., 2015 e OLIVEIRA; COSTA E TAKAHAMA, 2013).

Precedentemente ao jogo, durante a contextualização da importância da reciclagem e da disposição adequada dos resíduos, as crianças compartilharam informações que já haviam aprendido no ensino escolar e relataram que compartilhavam esses saberes com seus familiares. O processo educativo dentro dos currículos escolares apresenta papel primordial no processo de formação de indivíduos críticos que favoreçam a transformação da realidade a caminho da sustentabilidade (SARACHE; SARACHE, 2019).

O jogo durou cerca de 45 minutos e a proposta da atividade foi considerada bem-sucedida, visto que durante todo o tempo as crianças demonstraram interesse e participação. Ao final do jogo, as crianças comentaram sobre os aprendizados entre si e se mostraram dispostas a compartilhar o que foi aprendido com seus familiares.



A troca de ideias, cooperação e socialização proporcionadas pela participação espontânea e pelo lúdico, são essenciais para que as crianças construam e disseminem opiniões e informações, tornando um aprendizado significativo perante a importância da reciclagem e reutilização e os impactos dos resíduos no meio ambiente. Promovendo assim, um desenvolvimento cognitivo e afetivo e a construção de conhecimentos de maneira descontraída e prazerosa perante a preservação ambiental (SCOPEL; CAVALLI; SCUR, 2016).

4. CONCLUSÕES

O reconhecimento de cada criança como sendo um possível agente transformador do meio em que vive é essencial na busca de um cotidiano individual e coletivo sustentável.

Portanto, pode-se dizer que jogos lúdicos e didáticos são eficazes na disseminação de informações com o meio em que vivem e na construção da sensibilidade e responsabilidade em prol da proteção do meio ambiente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDIN, N. Uma abordagem lúdica e pedagógica no ensino fundamental: trabalhando com a educação ambiental. **Cadernos de pesquisa: pensamento educacional**, Curitiba, v.10, n. 24, p. 209-228, 2015.

HIGUCHI, M. I., AZEVEDO, G. C., ALVES, I. R. S. Ecoethos da Amazônia: um recurso didático para simulação de dilemas socioambientais na educação ambiental. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 51, Seção especial: Técnica e Ambiente, p. 104-126, 2019.

MOSTOWFIA, S., MAMAGHANIB, N. K., KHORRAMARB, M. Designing Playful Learning by Using Educational Board Game for Children in The Age Range of 7-12: (A Case Study: Recycling and Waste Separation Education Board Game). **International Journal of Environmental and Science Education**, v.11, n.12, p. 5453-5476, 2016.

OLIVEIRA, D. T. R., TAKAHAMA, S. K. H. A Importância dos jogos educativos na aprendizagem da multiplicação com alunos que apresentam deficiência intelectual e cursam a 5ª série do Colégio Estadual Vítor Soares. **Revista Exitus**, v. 3, n.2, 2013.

SARACHE, G. V., SARACHE, M. V. Sustentabilidade e a Formação de uma Consciência Sustentável Por Meio da Educação. **Sustentabilidade: muito ainda por dizer...**Janira Siqueira Camargo, Gabrieu de Queiros Souza (Organizadores). Appris, Curitiba, p.157-162, 2019.

SCOPEL, J. M., CAVALLI, G. L., SCUR, L. Confecção de jogos com materiais alternativos como estratégia de ensino. **Scientia cum industria**, v.4, n.4, p. 216-218, 2016.

SOUZA, G. Q., FRAGOSO, J. S., BREY, R. A. A Instituição de Ensino Superior e sua Contribuição para a Sustentabilidade. **Sustentabilidade: muito ainda por dizer...**Janira Siqueira Camargo, Gabrieu de Queiros Souza (Organizadores). Appris, Curitiba, p.137-143, 2019.



VOLZ, P. M., TOMASI, E., BRUCK, N. R. V., SAES, M. O., NUNES, B. P., DURO, S. M. S., FACCHINI, L. A. A inclusão social pelo trabalho no processo de minimização do estigma social pela doença. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v.24, n.3, 2015.

ZACARIAS, E. F. J., HIGUCHI, M. I. G. Relação pessoa-ambiente: caminhos para uma vida sustentável. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 18, n. 3, p. 121-129, 2017